

EMBRAPA

INFORME SETORIAL

Embrapa busca independência e decide ficar sócia de empresas

O Estado de S. Paulo.

Estatual com papel central no desenvolvimento do agronegócio do País, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) quer se tornar financeiramente independente do orçamento federal e, para isso, planeja reestruturação que deve mudar seu perfil. O projeto envolve corte de custos, redução de despesas com pessoal e um novo modelo de negócios, com a associação a empresas privadas que coloquem no mercado os produtos desenvolvidos em seus centros de pesquisa – hoje, a Embrapa recebe apenas royalties. Em 2020, a operação custou cerca de R\$ 350 milhões.

O projeto envolve corte de custos e redução de despesa com pessoal. Paralelamente, entrará em vigor um novo modelo de parceria com o setor privado que pretende tornar a empresa autossustentável, para não ter mais de depender dos recursos do Orçamento federal – sempre submetidos ao humor do governo e do Congresso – para sobreviver. Segundo o presidente da Embrapa, Celso Moretti, um dos pilares do plano é um novo modelo de negócios: associar-se a empresas privadas que coloquem no mercado os produtos desenvolvidos em seus centros de pesquisa e, dessa forma, obter os recursos necessários para sua operação.

Atualmente, a Embrapa recebe apenas royalties pelos produtos que desenvol-

ve. Mas, tornando-se sócia das empresas, Moretti acredita que poderia arrecadar, num prazo de 5 anos, o suficiente para não depender do governo – em 2020, a operação custou cerca de R\$ 350 milhões. “Nós entregamos valor, mas capturamos muito pouco.”

Como exemplo, ele citou a Bioma, que comercializa o BiomaPhos, um bioinsumo produzido a partir de pesquisas da Embrapa. “Eles faturaram aproximadamente R\$ 100 milhões e pagaram R\$ 4 milhões para a Embrapa. Se fôssemos sócios com 50%, receberíamos R\$ 50 milhões. Mesmo tendo 30%, seriam R\$ 30 milhões.” Ele afirma, porém, que a Embrapa continuará cumprindo seu papel social. “Temos orçamento público que financia ações públicas de desenvolvimento, e esses resultados são transferidos sem custos para a sociedade brasileira. Isso vai continuar acontecendo.”

A Embrapa prevê atingir, em até 12 anos, uma economia de mais de R\$ 320 milhões por ano com o projeto Transforma Embrapa. A iniciativa, que envolve ações para o curto, médio e longo prazos. Segundo o presidente da Embrapa, Celso Moretti, com as mudanças a empresa ficará mais ágil e eficiente. “A empresa poderá gastar mais energia com aquilo que é importante: desenvolver soluções para resolver os problemas do agronegócio brasileiro”, afirma. A reorganização da estrutura da estatal, que vem sendo discutida e implementada há alguns anos, ganhou corpo após um trabalho da consultoria Falconi, iniciado em agosto do ano passado e que deve ser concluído em março.

As primeiras economias vêm do corte de custos na sede da Embrapa. Segundo Moretti, é possível economizar R\$ 4 milhões, de um custo total de R\$ 15 milhões. Já para o médio prazo, de um a três anos, a economia é de R\$ 18,6 milhões e virá do redesenho da organização, principalmente na sede, mas com reflexo nas unidades.

Está prevista a criação de um centro de serviços compartilhados, que substituirá áreas administrativas das unidades. “O centro vai gerenciar a operação da empresa em todo o Brasil.”

Segundo Moretti, com o centro será possível eliminar até 35% das funções comissionadas. A empresa cairá de 640 cargos comissionados, que preveem remuneração adicional, para 420. “Mas não existe, nos planos da empresa, demissão de empregados”, afirma. No longo prazo, a empresa prevê a saída de 840 funcionários por conta do limite de idade de 75 anos para a aposentadoria compulsória no setor público. Isso geraria uma economia de quase R\$ 300 milhões a partir do 12.º ano.

Moretti diz, porém, que a Embrapa vai negociar com o Ministério da Economia a possibilidade de outro Plano de Demissão Incentivada (PDI). A perspectiva é de saída de funcionários de apoio, que trabalham em campos experimentais, laboratórios e na administração. “A ideia é avançar com a terceirização, para que foquemos a contratação de pessoas da atividade-fim, que são pesquisadores e analistas.” Atualmente, a Embrapa tem cerca de 8 mil funcionários.

Para Pedro de Camargo Neto, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), no entanto, a mudança de modelo na Embrapa pode ser arriscada. “A pesquisa pública, no sentido de pesquisar o necessário para o futuro da agricultura brasileira no longo prazo, não necessariamente é resultado de investimento privado, quer seja do limitado capital nacional em pesquisa, quer seja dos capitais internacionais que nem sempre têm o mesmo objetivo nacional de longo prazo”, disse. Camargo Neto já integrou o conselho da Embrapa – saiu após divergências.

Para o presidente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (Sinpaf), Marcus Vinicius Sidoruk Vidal, a reestruturação proposta no “é mais do mesmo”. “Em 2018, aconteceu outra experimentação

semelhante com as mesmas supostas economias, e que só resultou em desorganização institucional.” Vidal diz que a Embrapa não tem “grandes problemas de gestão”. “O problema da Embrapa é a redução do seu orçamento para pesquisa.”

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 373 - Em 17 de fevereiro de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.